

**A VARIANTE NI EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA:
A AVALIAÇÃO DO FALANTE**

Maria Bethânia Gomes Paes (UNEB)
bethapaes@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo, excerto do trabalho de dissertação intitulado “A preposição Ni em Vitória da Conquista: usos e avaliação do falante”, consiste em abordar o uso da forma *ni*, variante da preposição *em*, nos falantes de Vitória da Conquista – BA, especificamente no que se refere à avaliação subjetiva do falante em relação a essa variante. Assim, por meio do mapeamento da variável social escolaridade na utilização da variante *ni*, associando-o à avaliação subjetiva dos falantes, foi feito o estudo de julgamento do falante, registrado em uma ficha- questionário, considerando realizações linguísticas em que o *ni* era observado. O *corpus* oral de análise é constituído por 18 entrevistas, com duração média de 20 minutos cada uma, gravadas no ano de 2012 na referida cidade, com falantes estratificados por escolaridade e faixa etária. Considerando-se os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista de William Labov, buscou-se identificar as restrições linguísticas e sociais à escolha da variante *ni*. Para a quantificação dos dados, foi utilizado o programa *Varbrul*. Quanto à avaliação da variante *ni*, os informantes apresentaram posicionamentos negativos quanto ao uso da mesma, não se dando conta, porém, que fazem uso dessa forma. O fato de a maioria dos informantes, apesar da presença da forma *ni* em suas entrevistas gravadas, julgarem de forma negativa o uso de tal variante (e aqueles que a usam) confirma a afirmação feita por Lambert (*apud* WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 102): “os correlatos subjetivos da alternância de linguagem revelam ser mais uniformes que o próprio comportamento”. A pesquisa confirma, portanto, a tese elaborada por Labov (2008 [1972]) referente aos mecanismos de variação e mudança linguística, já que a variação observada se mostra relacionada a pressões internas estruturais e sociais, ambas agindo conjuntamente.

Palavras-chave:

Varição linguística. Variante *ni*. Língua oral. Fala. Vitória da Conquista.

1. A sociolinguística e o julgamento da variação por parte dos falantes

O advento da sociolinguística, na década de 1960, representou o reconhecimento dos fatores sociais como variáveis atuantes no uso da língua, o que configurou uma ruptura com uma abordagem formalista, baseada nas ideias de Ferdinand Saussure, previstas em sua obra *Curso de Linguística Geral* (1916). O formalismo considera o sistema como algo abstrato, e estuda os elementos que o formam, distanciando-se das situações de produção e recepção das línguas.

A diversidade linguística, a partir de William Labov, deixa de ser tratada como um problema. Ao instituir a inseparabilidade entre língua e variação, Labov (2008 [1972]) trata o diverso na língua como traço da riqueza do fenômeno linguístico, o que caracteriza toda e qualquer sociedade. A noção de certo e errado, portanto, é descartada nessa abordagem, e a norma culta é tratada apenas como uma variante privilegiada que expressa o modelo de língua socialmente valorizado. Os comportamentos linguísticos, assim, passam a ser marcas identitárias dos indivíduos e a variação linguística um aspecto de adequação à situação comunicativa por parte dos interlocutores.

Com esse novo olhar sobre a variação linguística, o preconceito linguístico é alvo de debate, emergindo, então, aspectos que implicam na constituição do imaginário social referente ao uso e à apropriação da linguagem.

Analisar a atitude dos falantes frente às variações apresentadas na língua é considerar a aceitação ou não da heterogeneidade linguística, e a estigmatização de certos comportamentos linguísticos é fruto de uma concepção de língua defendida pela classe dominante, tradicional por excelência.

O preconceito linguístico manifesta-se em várias situações no Brasil, amparando-se no determinismo de que há superioridade de alguns comportamentos linguísticos que constituem modelos eleitos pela sociedade de bom falar do português brasileiro. Esse “comportamento linguístico modelo” implica em interpretações nas distinções socioeconômicas da sociedade, na diversidade linguística de cada região, assim como nos aspectos globais que influenciam a língua, a exemplo da adesão aos estrangeirismos.

Percebe-se que a variante *ni* é recorrente na fala de sujeitos nativos de Vitória da Conquista, independente do grau de escolaridade ou faixa etária do falante. São recorrentes na referida cidade realizações como a e b:

- a. “*Ni* um lugar [...]” (*Em* um lugar) – Informante j
- b. “Se for *ni* novembro, ele vai”. (Se for *em* novembro, ele vai.) – Informante k

Assim, é plausível questionar até que ponto a dinamicidade da língua “respeita” os critérios essencialistas impostos aos estratos sociais, no que se refere à determinação do perfil linguístico do falante, o qual se

encontra imerso em uma sociedade marcada por mudanças incessantes. Destacam-se marcas identitárias que o enquadram em situação de prestígio ou desprestígio social, econômico, cultural, político e mais algum que as normas sociais entendam ser definidor do lugar do indivíduo na sociedade.

Bagno (2009) confirma a existência de um debate histórico envolvendo a utilização efetiva do idioma e a postura da tradição gramatical. É devido, justamente, à imposição histórica do vernáculo que, até os dias atuais, posições de preconceito linguístico são recorrentes nas atitudes dos indivíduos, em detrimento do uso, de fato, da língua como meio de comunicação e consequente interação entre os integrantes da sociedade.

Assim, toma-se como hipótese nesta pesquisa, que a variante *ni* é traço responsável por estigmatizar a fala de um indivíduo, uma vez que consiste numa realização linguística não contemplada pelas normas das gramáticas normativas da língua portuguesa.

2. Metodologia

2.1. A comunidade em questão

Vitória da Conquista situa-se no sudoeste baiano e representa a terceira maior cidade do estado da Bahia, com área de unidade territorial de 3.405,580 km² e população de 306.866 habitantes, de acordo com dados do IBGE (2010). Fundada em 09 de novembro de 1840, Vitória da Conquista configura-se como importante centro comercial do sudoeste da Bahia e norte de Minas Gerais, influenciando uma população de pouco mais de 2 milhões de pessoas, o que a situa entre os cem maiores centros urbanos do Brasil. Até a década de 1940, a base econômica da cidade era a pecuária extensiva, prática que deu lugar à atividade comercial, favorecida pela abertura da estrada Rio-Bahia (atual BR 116) e da estrada Ilhéus-Lapa, possibilitando a integração do município com outras regiões do estado e do país, de acordo com informações colhidas no portal oficial da prefeitura municipal de Vitória da Conquista – PMVC (2012).



Mapa 01:

Localização da cidade de Vitória da Conquista no mapa da Bahia. (PMVC, 2012)

Ainda conforme o *site* da PMVC (2012), a cidade teve em sua origem populacional os povos brancos, representados pelos colonizadores, que permaneceram na cidade em missões portuguesas para desbravar a região da Bahia; índios das tribos mongoió (ou kamakan), ymboré (ou aimoré), e pataxós, cada uma com sua língua e seus ritos religiosos. Os mongoiós costumavam fixar-se em uma determinada área, enquanto as outras duas tribos circulavam ao longo da região. Os aldeamentos se espalhavam por uma extensa faixa, conhecida como Sertão da Ressaca, que vai das margens do alto do Rio Pardo até o médio Rio das Contas, lugar onde são encontradas hoje comunidades negras, como a comunidade do Cinzento. Alguns estudos sobre a forma de construir as casas das comunidades próximas à zona urbana de Vitória da Conquista, a plantação de mandioca e milho, a produção de artesanato nos dias atuais, de acordo com o *site* da PMVC (2012), afirma que esses são indícios da ancestralidade indígena: essas comunidades identificadas como negras, na realidade têm origem na miscigenação de índios e negros.

2.2. A coleta de dados

Esta pesquisa considerou os pressupostos da sociolinguística quantitativa. A coleta de dados foi obtida em entrevistas com duração média de 20 minutos, registradas por meio de um gravador digital, nas quais foram desenvolvidas narrativas obtidas pela interação pesquisador-informante, a fim de fazer o entrevistado esquecer a situação de entrevista gravada e levando-o a expor fatos de sua vida diária com o uso do vernáculo. Além de uma ficha onde o informante deveria informar seus dados pessoais e algumas informações relacionadas ao seu perfil social, relevantes para a pesquisa, ainda foi aplicado um questionário ao participante, a fim de considerar qual a sua avaliação relacionada à variante *ni*.

2.3. A constituição do corpus

O *corpus* desta pesquisa é constituído por 18 entrevistas gravadas e transcritas, produzidas por 18 informantes do sexo feminino, naturais da cidade de Vitória da Conquista. A escolha do gênero/ sexo feminino como fornecedor do corpus da pesquisa justifica-se pelo fato de tal gênero/ sexo ser considerado mais conservador em muitas pesquisas sociolinguísticas, quando comparado ao masculino. Nesta pesquisa, os dados dos informantes foram organizados em nove células, com dois informantes em cada: três fatores da variável social escolaridade (ensinos fundamental, médio e superior) e três fatores da variável social faixa etária do informante (F1: 15-29; F2: 30-45; F3: 46-70 anos de idade).

2.4. As variáveis consideradas

2.4.1. Escolaridade

Geralmente, as variantes mais distantes do padrão que não são contempladas pelas gramáticas tradicionais, são estigmatizadas, o que é o caso da variante *ni*; considera-se, portanto, que pode haver relação entre o uso do *ni* e o grau de escolaridade dos informantes.

Serão controlados, nesta pesquisa, os seguintes fatores da variável escolaridade são:

- a) Ensino Fundamental;
- b) Ensino Médio;

- c) Ensino Superior.

2.4.2. Faixa etária

Os estudos sociolinguísticos afirmam que o comportamento linguístico de cada geração pode corresponder a um estágio da língua. Nesse sentido, a faixa etária mais jovem pode indicar a introdução de novas formas na variedade da comunidade. Isto posto, considera-se de extrema importância a seleção de informantes observando-se a faixa etária a que pertence, a fim de se constatar se há relação a realização do *ni* e entre a faixa etária dos informantes e a expectativa de mudança linguística.

Os fatores da variável faixa etária a serem considerados nesta pesquisa são:

- a) Faixa etária 1 (15- 29 anos de idade)
- b) Faixa etária 2 (30- 45 anos de idade);
- c) Faixa etária 3 (46 a 70 anos de idade).

2.5. A codificação dos dados

Para a quantificação e codificação dos dados, foi utilizado um programa que trabalha com um modelo logístico, denominado programa *Varbrul* ou pacote *Varbrul*.

2.6. A avaliação da linguagem por parte dos informantes

À sociolinguística, como bem destaca Calvet (2002, p. 69) também importa o comportamento social provocado pela norma linguística espontânea, a qual

pode desenvolver dois tipos de consequências em relação aos comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram a sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. (CALVET, 2002, p. 69).

Nesta pesquisa, foi aplicado um questionário aos informantes com letras de duas músicas, *Tarado* (Caetano Veloso) e *Nessa casa tem goteira* (Sérgio Reis), ambas com a presença da variante *ni* e uma sequência de perguntas que se referem ao perfil do possível usuário da linguagem

utilizada na música. Dessa forma, foi possível observar, por meio das respostas ao questionário, as atitudes dos participantes da pesquisa em relação ao uso que se faz da variante em questão.

3. Análise dos dados

Apresentam-se, a seguir, os resultados da análise quantitativa dos dados, bem como a interpretação dos resultados obtidos.

Abaixo, a tabela 1 dispõe informações a análise geral de ocorrências das variantes *em* e *ni* nos dados coletados.

	Número/Total	%
EM	619/653	95%
NI	34/653	5%
Total	653	100%

Tabela 1: Variação EM/ NI- análise geral

A análise dos dados apontou que a variante *ni* é usada pelos falantes de Vitória da Conquista em menor proporção quando comparada ao uso da variante *em*. Em um total de 653 casos envolvendo as duas variantes, a preposição *em* foi utilizada em 619 casos (95 %), enquanto o *ni* é empregado 34 vezes (5%).

3.1. Avaliação da variante *ni*: as impressões dos sujeitos

Seguem dados da avaliação dos sujeitos envolvidos na pesquisa relacionada à variante *ni*, em que serão destacadas algumas realizações linguísticas dos informantes e as respostas contidas no questionário, com suas respectivas análises.

3.1.1. Escolaridade: ensino fundamental

➤ Informante I: 27 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Num entrava *ni* sala de aula, aí mainha fez eu disistir.

Porque eu te conheço como é que você é *ni* escola.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Orrorozo [...]

➤ - Informante r: 28 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante::

Quando ela quer desabafar, ela vai lá em casa.

De olho ni uns cursos técnicos...

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

É uma linguagem que retrata a experiência de vida (de) que(m) tem o nível de escolaridade médio. Meu comportamento de ver uma pessoa falando essa música seria de *dezaprovação*.

➤ - Informante x: 31 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Tantas custureira ni Conquista.

Passar dezembro, janeiro e fevereiro lá em Porto Seguro.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Essas pessoas são alvo de preconceito por não falarem de acordo com o que a sociedade acha que é correto, mas *simplicemente* não significa que está pessoa não tem estudo apenas um hábito do local onde a pessoa mora.

➤ - Informante e: 45 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Pra ensinar as crianças em casa.

Eu estudava na Petú à noite.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Eu achei muito brega [...]

➤ - Informante k: 65 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Ele levava o aparelho e fazia ultrassom *ni* mim lá.

É *ni* Vitória, Espírito Santo, né não?

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

A pessoa que utiliza essa linguagem tem um certo estudo, não de médico, um estudo médio, tanto faz homem ou mulher, gente mais adulta. Não é linguagem que tem baixaria.

➤ - Informante p: 66 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Eu não ouvi falar *ni* televisão, nem nada.

Agora minha cunhada morava *ni*, como é que chama, Niterói.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

A informante registrou a interpretação da música, disse não conseguir registrar opinião a respeito da linguagem presente nas músicas.

3.1.2. Escolaridade: ensino médio

➤ - Informante i: 19 anos, Ensino Médio:

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Aí quando ele entrou *na* UFBA ele já tava terminando o doutorado.

Ele ir morar sozinho *em* Alagoas.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Ambas as músicas mostram uma linguagem informal_muito

utilizada na zona rural por pessoas que não tiveram acesso a uma boa educação.

➤ - Informante b: 21 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Painho nem *ni* meu noivado foi, B.

Já fui *em* Fortaleza, já fui *em* Salvador, Itacaré, fiquei *ni* Itacarezinho também.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Pessoas sem conhecimento.

➤ - Informante h: 34 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Agora mesmo *ni* biomedicina ele tava bestinha, num tava?

Eu até falei *em* levar, mas o pai dele não deixava.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Uma pessoa com pouca cultura (...)

➤ - Informante w: 35 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

M. mora *no* fundo do shopping.

Hoje quem faz seus investimentos *em* você.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Na minha opinião, ele não teve oportunidade de estudar, convive com pessoas sem entendimento e sem cultura. Vive em lugar periférico. Onde existe(m) pessoas que não quer(em) nada.

➤ - Informante g: 47 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Fazer uma casa pra mim lá no Poço escuro.

Cada um chega lá em casa.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Reflete o nível de conhecimento da população que não teve acesso à educação, não por interesse próprio, mas pela falta de oportunidade.

A informante “g” indicou que o perfil do sujeito usuário da linguagem das músicas seria alguém que cursou o Ensino Médio, independente de gênero/sexo e faixa etária, de origem rural. Quanto à opinião sobre tal linguagem, a informante a veiculou à uma pessoa que não teve acesso à educação, o que permite a afirmação de que considera a linguagem da música deficiente, pois entendeu que faltou algo ao usuário para que ele se comunicasse daquela forma.

➤ - Informante o: 57 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Ela foi pra São Paulo e ficava só *ni* pizza.

Eu sou besta demais, o povo me passa as perna *ni* mim.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

A linguagem é de uma pessoa de mais idade, da zona rural, nível de escolaridade médio e é uma pessoa bem vi(s)ta na sociedade.

3.1.3. Escolaridade: ensino superior

➤ - Informante d: 27 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Eu estagiei no Ensino Fundamental.

Eu estava nesse cursinho pra fazer o vestibular.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

(...) linguagem de senso comum, demonstrando um *exacerbamento* cultural, mostrando a cara da/ ou social onde o indivíduo está inserido (ambiente urbano).

➤ - Informante j: 28 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Ela ni uma semana resolveu sair.

Ni um lugar.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Pessoa com nível social baixo, trabalhador rural ou que teve convívio com o campo.

➤ - Informante t: 31 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Em novembro, eu vou viajar com minha esposa.

Eu tava com vontade de ir na Canção Nova.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

*A linguagem utilizada reflete um costume ou falta de leitura. Quando trato de costume digo que a pessoa que vive em determinada região que tem sotaques diferentes e o costume de *está* sempre falando com pessoas que usam a mesma forma de linguagem entre si, se acostumando a falar de forma simples. E a falta de leitura impede que se *familiarizer* com as palavras escritas corretamente.*

➤ - Informante y: 34 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

E. deu uma aula sozinho em uma turma.

Sabe mexer nos jogos.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

Acredito que a linguagem utilizada representa o local onde a

pessoa vive. Representa a localidade, o modo de falar do local onde a pessoa mora.

➤ - Informante u: 46 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Eu sonhava *em* fazer Letras.

Já chegou uma mãe querendo bater *na* professora.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

(...) acho (que) a linguagem é natural, até divertida.

➤ - Informante z: 47 anos

- Alguns dados da entrevista com o falante:

Dei logo uma comida de rabo *ni* B. pra ele aprender.

Aqui *em* Conquista tá falando que tem AIDS.

- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

A linguagem utilizada nas músicas é própria de pessoas que, mesmo conhecendo a gramática normativa, usam uma linguagem do meio social no qual estão inseridas. O meio social onde a fala coloquial é uma constante de bairros periféricos das cidades, onde os moradores são assalariados, mendigos, traficantes, meninos de rua, pessoas com escolaridade incompleta e até mesmo de pessoas que, mesmo com escolaridade acabam assimilando o modo de falar da maioria dos falantes.

4. Considerações finais

O fato de a maioria dos informantes, apesar da presença da variante *ni* em suas entrevistas gravadas, julgarem de forma negativa o uso de tal variante (e aqueles que a usam) é uma constatação desta pesquisa que vai ao encontro do que é afirmado em estudos considerando as atitudes dos falantes diante de dados linguísticos marcados por variação, feitos por Lambert (*apud* WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 102):

“os correlatos subjetivos da alternância de linguagem revelam ser mais uniformes que o próprio comportamento”.

É possível afirmar que a mudança não poderia ocorrer, dentre outros fatores, por conta da avaliação dos falantes, retomando-se aqui o problema da avaliação citado por Labov (2008). Fica claro, nas análises dos dados, que um valor social negativo é atribuído ao uso da variante *ni*, uma vez que, mesmo fazendo uso da variante, talvez inconscientemente, alguns informantes são taxativos ao “enquadrar” usuários de uma linguagem em que o *ni* figura como pertencentes a extratos da sociedade menos prestigiados.

Outro fator que, segundo Labov (2008) gera mudança, é o fato de que a variável linguística se torna uma das formas que definem a comunidade de fala e seus membros, os quais reagem de forma uniforme em relação à realização da língua. Isso é favorecido pelo alcance da mudança linguística atrelada aos seus valores associados. A variável, dessa forma, define-se como um *estereótipo* e exhibe o fenômeno da variação linguística. Justamente por a maioria dos informantes desta pesquisa, pertencente à comunidade conquistense, considerar a variante *ni* como não pertencente à fala prestigiada no seio social, é que a avaliação de seu uso seja negativa, o que coopera para o uso expressivamente menor em relação à variante *em* na cidade de Vitória da Conquista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 2009.

CALVET, Louis- Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

IBGE. Vitória da Conquista (BA).

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=293330&se arch=bahia/vitoria-da-conquista>>. Acesso em: 18-08-2012.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MAPA da cidade de Vitória da Conquista. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_da_Conquista>

Acesso em: 24-08-2012.

REBELO, Aldo. Projeto de Lei nº 17069, que dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa e dá outras providências. Disponível em:

<<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=17069>>. Acesso em: 05 ago. 2012.

REIS, Sérgio. Pinga ni mim. Disponível em:

<<http://letras.terra.com.br/sergio-reis/103205>> Acesso em: 01-10-2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

VELOSO, Caetano. Tarado ni você. Disponível em:

<<http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/1306533>> Acesso em: 01-10-2011

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.